

LITERATURA INFANTIL: POLÍTICAS E CONCEPÇÕES¹

CHILDREN'S LITERATURE: POLICIES AND CONCEPTS

Morgana Kich²

Flávia Brochetto Ramos³

Questionar-se sobre as práticas, pesquisas e políticas de leitura atuais, constitui-se numa ação para discutir a formação do leitor. O livro *Literatura infantil: políticas e concepções* é um convite da editora Autêntica, constituído por 136 páginas, ao debate dessas questões. No decorrer da leitura, alguns resultados de análises e reflexões empreendidas no âmbito do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), sobre a edição de 2008, são apresentados ao leitor. Essa publicação nasce a partir de um trabalho de consultoria realizado pelo Ceale/FaE/UFMG, instituição indicada pelo MEC para a avaliação pedagógica dessa edição do PNBE, que selecionou os acervos de livros de literatura infantil para as séries/anos iniciais do Ensino Fundamental, enviados às bibliotecas de escolas públicas brasileiras. A obra é organizada por Aparecida Paiva – Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG e pesquisadora do GPELL/Ceale/UFMG – e por Magda Soares – Doutora e livre-docente em Educação pela UFMG, pesquisadora do Ceale, da Faculdade de Educação da UFMG e autora de livros e artigos nas áreas de alfabetização, leitura e produção textual, inclusive de livros didáticos.

O texto está organizado em sete capítulos e cada capítulo é escrito por um autor diferente (exceto o quarto, desenvolvido por dois escritores). Cada texto apresenta um tema distinto do outro, porém todos eles giram em torno das políticas e concepções do Ceale e do PNBE/2008, em relação aos acervos e livros selecionados de literatura infantil.

Francisca Maciel, coordenadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CeALE), escreve o primeiro capítulo, intitulado “O PNBE e o Ceale: de como semear leituras”, que explica como são analisados e avaliados os livros infanto-juvenis inscritos pelas

¹ Resenha livre da obra: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. (Org.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

² Licenciada em Letras. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS. E-mail: amorganinha@hotmail.com

³ Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS. E-mail: ramos.fb@gmail.com

editoras para compor o acervo. A autora retoma políticas de formação do leitor desde meados do século XIX e destaca a atuação do Ceale, em seu compromisso junto ao PNBE, o qual procura diminuir cada vez mais o abismo que, infelizmente, ainda ocorre neste país entre o livro e o estudante, investindo num processo contínuo de letramento e de construção de cidadania.

“Livros para a educação infantil: a perspectiva editorial” é o título do capítulo escrito por Magda Soares, pesquisadora que analisa a atividade editorial, com base em dados do PNBE/2008. A autora afirma que há maior intensidade de produção de livros para o Ensino Fundamental do que para a Educação Infantil e a justificativa dessa circunstância encontra-se na grande dependência que o mercado editorial mantém em relação às instituições escolares. Evidencia que a edição – momento em que um texto se torna um objeto – de literatura infantil procura leitores *na escola*, já que, na verdade, a proposta editorial responde a uma cultura escolar que, frequentemente, considera a literatura infantil um instrumento pedagógico. Essa análise é apresentada, ainda, de forma resumida, na contracapa do livro.

De que fala a literatura infantil? Essa é a questão primeira do capítulo “A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas”, escrito por Aparecida Paiva. A autora aponta que, hoje, as temáticas abordadas pela literatura infantil brasileira podem ser apresentadas em três agrupamentos: a fantasia como tradição (contos de fadas, fábulas, histórias de animais, etc.), o conteúdo como opção (os chamados temas transversais) e a realidade como aposta (temas como morte, medo, separação, entre outros). De acordo com a autora, no PNBE/2008, a maioria dos livros se inseriu no primeiro grupo e uma minoria no último, já que não havia um número significativo de títulos em relação a esses temas mais realistas, geralmente polêmicos, delicados e ousados. Parece haver um “estado de exaustão que se tornou uma característica no tratamento e na escolha de temáticas abordadas pela e na literatura infantil” (p. 39). Dessa forma, é importante considerar que haja uma produção literária para a criança abordando as temáticas do cotidiano infantil, além do surgimento de uma convicção de que talvez um distanciamento das demandas pedagógicas possa contribuir para o redimensionamento do livro destinado a esse público leitor.

Aracy Martins e Rildo Cosson são os autores do capítulo quatro – “Representação e identidade: política e estética étnico-racial na literatura infantil e juvenil” – e discorrem sobre a política da representação e a estética da identidade no campo literário. Martins e Cosson apresentam estudos de outros autores, relacionados à representação e

identidade dos negros na literatura infantil em diferentes épocas e focalizam que a literatura infantil e juvenil, que trata da cultura afro-brasileira no PNBE, pode ser visualizada em quatro grupos: a base cultural; as biografias de personagens históricas; as narrativas de denúncia social; e as narrativas de afirmação da identidade, como acontece em *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, narrativa verbo-visual, analisada nesse capítulo, por dialogar com as questões de representação e de identidade afro-brasileira e por apresentar uma visão positivada da raça negra.

O capítulo cinco: “Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil”, de Ligia Cademartori, concebe a ilustração como instrumento fundamental de apoio para a ativa intervenção do leitor na construção de sentidos e na formulação de hipóteses para a interpretação do texto. Segundo a autora, os avaliadores da seleção dos livros do PNBE/2008 tiveram presente que o ilustrador é também um narrador, uma vez que a relação do texto visual com o verbal apresenta diferentes matizes. Cademartori ressalta que, nessa seleção, foram destacados exemplares nos quais, entre as várias funções da imagem, ganharam prevalência as funções estética e lúdica, como modo de enriquecer, com a força criativa da ilustração, o potencial da obra. Afinal, uma ilustração significativa no livro infantil não é aquela que somente complementa com imagens os dados da linguagem escrita, mas atua na produção de sentido do leitor para com o conjunto do texto.

“Qualidade estética em obras para crianças” é o título do sexto capítulo, de Hércules Tolêdo Corrêa. O autor declara que tratar de qualidade estética é transitar por um caminho perigoso e cheio de armadilhas, porque se entra no terreno da valoração, ou seja, não há critérios para definir o que tem e o que não tem qualidade. Analisou seis das vinte obras do Acervo 3 da Educação Infantil, do PNBE/2008. O *corpus* é formado por: *Bichos da noite*; *Bruxa, bruxa venha a minha festa*; *Eu e minha luneta*; *O menino e a bola*; *Ser menina*; e *Um outro pôr-do-sol*. Os textos analisados constituem uma amostra de livros de qualidade e que subsistem à leitura da criança, apresentando uma variedade no uso de recursos textuais estilísticos e objetos de configurações muito distintas.

O sétimo e último capítulo, denominado “Versos diversos da poesia para crianças”, é escrito por Maria Zélia Versiani Machado, que realiza um mapeamento dos acervos dos livros “em versos” do PNBE/2008 para a Educação Infantil e para as séries iniciais do Ensino Fundamental, organizando-os em seis agrupamentos: poemas em antologia, poemas narrativos, poemas da tradição popular, abecedários, jogos poéticos e narrativas poéticas. A autora cita as obras que compõem cada grupo, além de analisar e comentar sobre

algumas delas. Conclui que os acervos mostram a dinamicidade própria da formação de leitores de poesia, oferecendo inúmeras propostas de trabalho com diversas modalidades poéticas para as crianças que estão sendo alfabetizadas, mas que não se esgotam em um ciclo ou uma série da escolaridade.

E referindo-se à escola, a obra nos permite pensar sobre a escolarização da literatura infantil e sobre a questão do letramento literário dos alunos-leitores das escolas de nosso País. Quando as escolas públicas recebem os acervos do PNBE, deveriam considerar: como e porque esses livros foram selecionados? Qual a importância desses títulos e que contribuições podem trazer para a formação do leitor? A tarefa de seleção dos acervos, como se pôde perceber, não é tão simples, nem os estudos de análise. Há considerações sobre a perspectiva editorial, as temáticas, a qualidade estética, a representação da identidade, a ilustração, o gênero, entre outros temas. A maneira com que os diferentes autores tratam a literatura infantil nesse livro, nos traz um claro entendimento das questões que norteiam as políticas e concepções do PNBE/2008, cujos acervos encontram-se presentes nas escolas brasileiras. Essa publicação sistematiza e interpreta, sempre numa linguagem acessível, parte de um intercâmbio produtivo e consequente de experiências entre universidades, escola e instituições oficiais responsáveis pelo funcionamento e pela organização dos diversos sistemas de ensino. Sendo assim, a obra convida pesquisadores, professores e todos aqueles que são comprometidos com a democratização do acesso a obras de literatura infantil à discussão do tema.